

d'Orey GAZETA



Notas da Redacção

Na fotografia que mostrámos na Gazeta anterior que referia a família de Waldemar e Maria Helena d'Orey na inauguração da Rua de S. Caetano nova (pág.2), Waldemar estava no estrangeiro e não chegou a tempo para a fotografia de família o que contrariou imenso a sua mulher, mas... o fotógrafo, a mulher e os filhos estavam lá e portanto teve que se fazer a fotografia! Também na página 4 não referimos que as primeiras fotografias são do casamento de Ulrika com Francisco Câmara, acompanhados de Waldemar e Maria Helena e de algumas sobrinhas. A 3ª fotografia é do casamento da Gaibéu onde estão todos os irmãos. Faltou ainda referir que na 6ª página a menina baptizada é Maria do Carmo que está com a sua Mãe Patrícia (filha de Eduardo).

Querida Família,

Desejo em nome de toda a equipe que faz a Gazeta d'Orey e em meu próprio, uma Santa Páscoa! Desta vez sou eu a escrever alguma coisa na primeira página da Gazeta d'Orey.

Gosto muito de ter esta oportunidade e nesta especialmente. Acho o assunto "MEMÓRIAS DE FAMÍLIA" muito interessante e devo lembrar que todos devemos um agradecimento especial aos elementos da nossa família que têm trabalhado este assunto, assim como aos que mandaram artigos, deixaram copiar fotografias, contaram coisas, "pediram para não contar outras", contaram ainda outras coisas que não tinha sentido serem contadas, etc. Mas, já Einstein dizia mais ou menos isto:

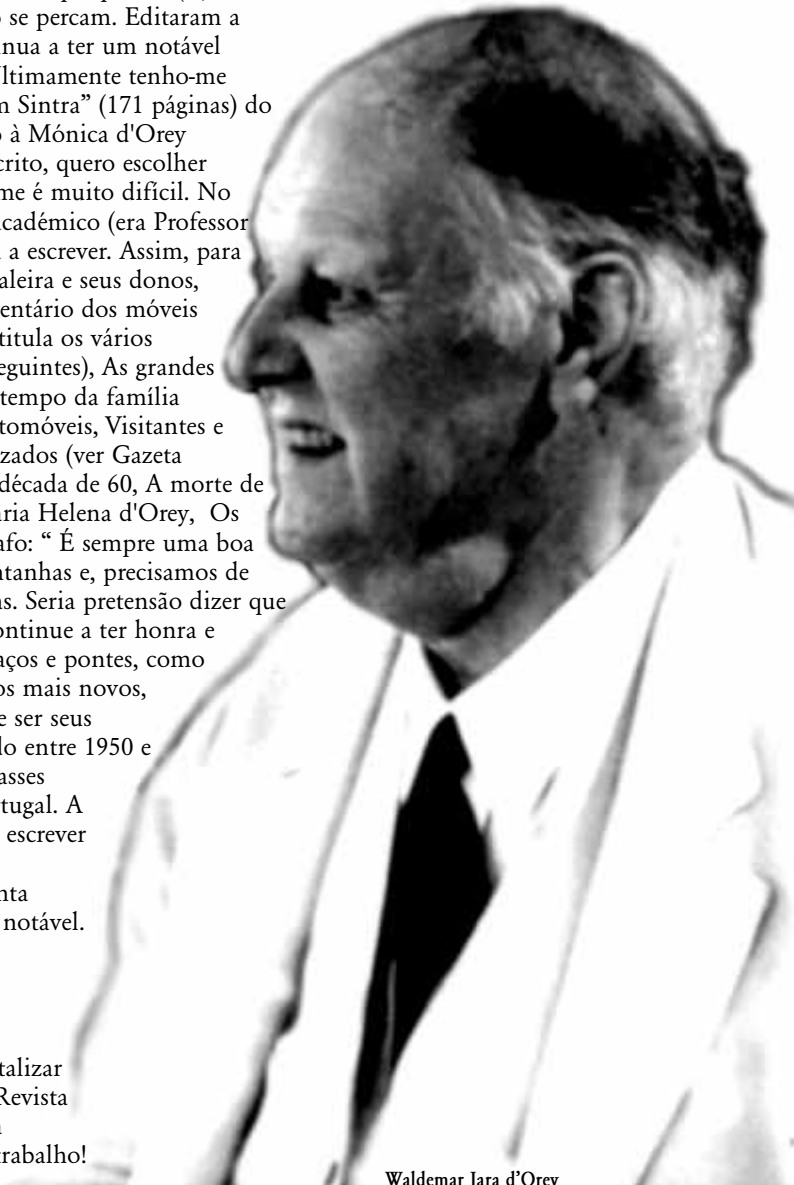
"a escuridão não é luz, é a ausência de luz, não pode ser estudada; a luz branca pode ser decomposta nas várias cores, a escuridão não!" Assim, as MEMÓRIAS, e neste caso as de FAMÍLIA!

Ora não posso deixar aqui expresso aqueles que mais contribuíram para esse estudo da "luz" da nossa família. Há anos, anos e anos o José Luís Albuquerque d'Orey (amarelo e verde) e o Pedro Paulo Cardoso d'Orey (amarelo), guardam, estudam, visitam, folheiam, lêem, pesquisam (e já têm seguidores...) tudo o que esteja ao seu alcance para que as memórias não se percam. Editaram a Monografia da Família Achilles Albuquerque d'Orey e o José Luiz continua a ter um notável arquivo. Ambos têm uma disponibilidade sem limites para colaborar. Ultimamente tenho-me debruçado e regalado com as "Memórias sobre a Quinta da Regaleira em Sintra" (171 páginas) do Fernando Cardoso d'Orey (amarelo), que agradeço do fundo do coração à Mónica d'Orey Santiago o ter-me facultado esse grande prazer. De tudo o que lá está escrito, quero escolher alguma coisa para a Gazeta d'Orey mas tudo tem tanta "luz e cor" que me é muito difícil. No texto do Fernando não há "palha". Tudo tem imenso interesse e como académico (era Professor Catedrático na FCT/UNL) e pessoa culta, sabia muito bem o que estava a escrever. Assim, para além de dar inúmeros elementos sobre os primórdios da Quinta da Regaleira e seus donos, passa a relatar a compra da Quinta pelo seu Pai, faz comentários ao Inventário dos móveis que ficaram na Quinta e eram da família Carvalho Monteiro, depois intitula os vários capítulos da seguinte forma: Quem era Waldemar d'Orey (nas páginas seguintes), As grandes obras na Casa, nos Jardins, Minas e Aquedutos, A vida na Regaleira no tempo da família d'Orey, O início, O dia a dia, Criados e protegidos, Administração e automóveis, Visitantes e convidados, Uma peregrinação a Fátima, O Natal e Casamentos e Baptizados (ver Gazeta anterior), Três Invernos na Regaleira, Pretensões de um Adolescente, A década de 60, A morte de Waldemar d'Orey, Dias difíceis, Retorno à normalidade, A morte de Maria Helena d'Orey, Os últimos tempos da Regaleira e, do Epílogo, transcrevo o último parágrafo: "É sempre uma boa ideia um livro de memórias. A história está cheia de desfiladeiros e montanhas e, precisamos de construir pontes, mesmo que frágeis, que liguem umas gerações às outras. Seria pretensão dizer que escrevi esta memória para a Posteridade mas espero que a Posteridade continue a ter honra e orgulho na família criada por Waldemar e Maria Helena d'Orey e que laços e pontes, como esta memória e outras que se seguirem, escritas ou compiladas por outros mais novos, possam servir para unir mais os que no futuro também terão a honra de ser seus descendentes. Também tenho consciência de que especialmente o período entre 1950 e 1965 constitui uma mostra muito importante sobre a forma como as classes dominantes, a que temos o gosto e a honra de pertencer, viviam em Portugal. A necessidade de preservar essa amostra foi a outra razão que me moveu a escrever esta memória - Colares, Setembro de 1977".

É que o Fernando, nesta sua obra, para além da Quinta da Regaleira conta MUTÍSSIMO MAIS! Maria Helena e Waldemar d'Orey foram um casal notável. Obrigada Fernando!

Nico (Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski) (verde)

P.S.: Muito obrigada à Tisha (mulher do Fernando) que nos deixou digitalizar um album de fotografias da Regaleira que foram feitas em 1983 para a Revista inglesa "Country Life". Algumas fotografias foram mostradas na Gazeta anterior, outras estão nesta e outras, quem sabe, aparecerão num outro trabalho!



Waldemar Jara d'Orey

Redacção: Tim-Tim (laranja) email: tintim_milu@hotmail.com Nico (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras Fax: 214 213 156 www.dorey.pt

Distribuição: Luisa Loureiro (laranja) email: mlloureiro@domusvida.com Paginação e imagem: Bruno d'Orey Slewinski (verde)

A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

QUEM ERA WALDEMAR D'OREY (das Memórias da Quinta da Regaleira)

de Fernando L. Cardoso d'Orey

Filho de Ruy de Albuquerque d'Orey e de Elvira Jara, nasceu na Rua Saraiva de Carvalho (freguesia de Santa Isabel em Lisboa) a 2 de Fevereiro de 1887. (Nota de Bruno d'Orey Slewinski: Segundo o registo de baptismo que encontrei, Assento nº59, Waldemar d'Orey nasceu na Rua Poiais de S. Bento, nº46, na Freguesia de Stª Catarina em Lisboa.) A enorme casa onde nasceu e passou a sua infância foi há muitos anos demolida para dar lugar a uma casa de andares no estilo indefinido das primeiras décadas do século XX. Gostava de dizer que essa casa se situava na esquina da Rua Nova do Convento Velho do Sagrado Coração de Jesus à Estrela, vulgo Calçada dos Ladrões, o que a toponímia lisboeta actual designa simplesmente por Rua da Estrela. Era o segundo de quatro filhos sobreviventes. Os três mais velhos, Ruy, Waldemar e Vasco eram bastante próximos em idade, o quarto e último, Nuno, fazia 8 anos de diferença de Vasco. Nenhum deles foi amamentado pela mãe porque isso estragava o peito e não havia ninguém mais vaidoso em Lisboa. Por isso, logo após os nascimentos, era necessário recorrer a uma ama de leite. Os três mais velhos eram conhecidos por serem os meninos mais mal educados de Lisboa. Mimados pelos pais a ponto de não terem qualquer disciplina o que era pouco comum na época. O meu avô Ruy recebia às quintas-feiras e depois de jantar havia sempre um concerto por amadores musicais muito ao gosto dos fins do século XIX. Uma das proezas dos três meninos era sentarem-se nos chapéus altos dos convidados! Isto simplesmente destruía esses adornos de seda enrijecida que custavam pequenas fortunas. Julgo que ninguém os repreendia por esses actos de vandalismo. Às vezes essa "boa educação" atingia requintes que não deixam de ter graça vistos a um século de distância. Por exemplo o tio Vasco, com uns seis ou sete anos, odiava um tal Dr. Carvalho, médico de família, que o torturava com purgantes e outros tratamentos médicos semelhantes. Um dia o Dr. Carvalho lá apareceu para ver o tio Vasco. Este volta-se para a sua mãe e diz-lhe: oh mãe posso dizer ao Dr. Carvalho o que a mãe disse dele? Diga à vontade eu nunca disse nada do Dr. Carvalho! Oh mãe olhe que eu digo! Já lhe disse, diga! A minha avó era uma santa incapaz de dizer mal de quem quer que fosse. O Dr. Carvalho é que possivelmente não acreditou e de facto nunca mais lá apareceu para gáudio do tio Vasco. Mais pequenino o tio Vasco anunciava: menino vai ter uma birra! Tinha mesmo e ninguém dava um tabefe nestas crianças tão bem educadas. Quando chegaram à idade pré-escolar foram mandados para a escola alemã, o meu avô não acreditava muito no sistema escolar português, que na época, como hoje, era francamente mau. Passavam grande parte das férias numa quinta entre o Seixal e Arrentela que o meu avô comprou para os três filhos mais velhos com o dinheiro que lhes deixou um tio, irmão da minha avó. Com muita frequência o meu avô ia ao Brasil e na volta tinha que passar três semanas no Lazareto, de quarentena, por causa da febre amarela. O Lazareto estava dividido em duas partes: um hotel de luxo para os passageiros de 1ª classe e uma série de camaratas para o resto. Sempre que podiam os três mais velhos passavam as três semanas no Lazareto onde eram estragados com toda a série de mimos. Eram três semanas em que comiam, bolos e sorvetes...

No início da adolescência foram os dois filhos mais velhos enviados para um Colégio na Alemanha, Weilburg na Westefália. Em 1898 o meu pai tinha 11 anos e o tio Ruy 13. Foram acompanhados por dois primos das mesmas idades, Luiz e José Manuel, filhos do tio Fritz. Este acompanhou-os até à Alemanha e ficou surpreendido por ver a estação de caminho de ferro, próxima do Colégio, cheia de rapazinhos envergando as fardas e bonets do dito colégio. A razão veio-se a saber depois: na véspera o professor de geografia participou aos alunos que iam chegar quatro "pretos" vindos de Portugal e mostrou-lhes algumas fotografias de pretos com zagaias que foi descobrir numa enciclopédia. Em 1898 um preto era uma curiosidade raramente vista na Alemanha, em especial numa cidadezinha de província. Se meu pai era branquíssimo e loiro, o tio Ruy era quase albino de brancura com os olhos azuis de água. A



Waldemar e Helena

desilusão foi enorme! É inacreditável, mas era um facto, a ignorância dos chamados povos civilizados do norte da Europa. O meu pai foi um aluno razoável nas letras, excepto a História que detestava. Mas era bom e tinha gosto pelas ciências. Embora tivesse aprendido francês, que falava bastante bem, teve só dois anos de uma opção: inglês ou hebraico! Eram estas as opções oficiais nos tempos do último Kaiser. Claro que escolheu inglês mas lamentava-se mais tarde de não o falar fluentemente o que lhe teria sido muito mais útil que o francês. Posteriormente foi para Lippsdadt prosseguir os seus estudos de agronomia que não chegou a completar, embora a agricultura fosse, mesmo até à sua morte, a sua grande paixão. A razão foi simples: apaixonou-se por uma mulher muitíssimo mais velha e comunicou ao meu avô que pretendia casar. Claro está que não voltou para a Alemanha e a paixoneta em breve se dissipou. Há ainda um caso curioso relacionado com problemas do coração. Pouco depois de chegar a Lippsdadt, juntamente com um colega, começou a cortejar duas meninas escurinhas, que lhe faziam lembrar Portugal e as portuguesas. Foram ambos chamados ao gabinete do Director do Instituto que os repreendeu por cortejarem judias! Foi o seu primeiro contacto real com o anti-semitismo alemão! Mais tarde, num teatro, ouviu a meio de um recital um enorme burburinho - tinham entrado dois judeus! O anti-semitismo alemão tinha raízes muito profundas que explicam o que aconteceu mais tarde. De volta a Portugal foi viver para a Quinta Grande entre o Seixal e a Arrentela, onde administrava a parte agrícola e pecuária. Um terço da propriedade pertencia-lhe e os dois terços restantes eram do meu avô que os comprou aos dois outros filhos. Em fins de 1907 conhece a minha mãe, irmã da noiva do seu irmão mais velho. Casam a 20 de Janeiro de 1909 e foram viver para a Quinta Grande. Entretanto veio o Serviço Militar obrigatório a que o meu pai, ao contrário dos seus irmãos, não quis fugir. Reconheceram-lhe como habilitações literárias: ler, escrever e contar! Nada do que foi feito na Alemanha foi oficialmente reconhecido. O mesmo sucedeu comigo 60 anos mais tarde: todos os diplomas que obtive no Imperial College de Londres não me foram reconhecidos em Portugal, embora eu tenha sido bolseiro oficial do Governo português e o Imperial College contasse entre o seu corpo docente com 4 prémios Nobel da Física e 1 de Química e, cerca de 40 Fellows da Royal Society. O meu pai assentou praça no quartel de Infantaria 2 e como tinha tirado a sorte só lhe couberam quatro meses de recruta. Foi muito apreciado pelos oficiais entre os quais se contava o capitão André Brun mais conhecido como autor e dramaturgo. No fim da recruta o comandante da sua



companhia deu-lhe um livro “Glórias Militares Portuguezas” de Zeferino Brandão. Este livro foi encomendado ao autor pelo então Ministro da Guerra Cons^ª Vasconcellos Porto durante o governo de João Franco. Este livro pretendia infundir nos soldados os princípios da honra, moralidade e ordem através do culto das virtudes militares dos antepassados, bem típico do culto do patriotismo e renovação que João Franco pretendia inculcar nos portugueses. Infelizmente a chacina do Terreiro do Paço destruiu toda a obra de João Franco. A tropa continuou muito ligada aos princípios tradicionalistas e vale a pena transcrever a dedicatória deste livro: “Ao soldado recruta n^ª 57/2676 da 1^ª Companhia do Grupo de Reserva n^ª 2, Waldemar d'Albuquerque d'Orey pelo seu comportamento, dedicação pelo serviço e impecável correcção off. António...?..Alves Cap.d'inf.2 Lisboa, 29/8/909”.

Ao terminar o serviço militar o avô ofereceu ao Comandante do Regimento, toda a oficialidade e suas respectivas mulheres, um jantar de gala na sua casa da Rua do Sacramento à Lapa a que compareceram também alguns militares da família. Vieram todos de farda de gala com condecorações, houve discursos e tudo isto impressionou a minha mãe que não estava nada habituada a estas coisas. Neste período de serviço militar o meu pai (que estava desarranchado) e a minha mãe viveram em casa do avô na Rua do Sacramento à Lapa. Foi nessa altura que o pintor alemão Heinrich Hellhoff pintou um extraordinário quadro a óleo da minha avó que ela não apreciava pois ele foi realista demais e pintou-a tal qual ela era com disfarçadas mas evidentes rugas na cara. Curiosamente este pintor alemão ficou célebre pelos quadros que pintou de toda a família do Kaiser. Infelizmente morreu, muito novo ainda, pouco dias depois do início da I Guerra Mundial na frente leste na batalha de Tannenberg contra o exército russo. Herdei este quadro que está hoje na minha casa de Colares.

Pouco vinham a Lisboa. Quando o faziam só raramente apanhavam os poucos vapores que partiam do cais do Seixal. Em geral mandavam aparelhar a charrette, de manhã, que deixavam na estalagem de Cacilhas e dali tomavam o vapor para o Cais do Sodré. Por vezes chegavam tarde, recuava e atracava de novo para apanhar os dois passageiros tardios. A razão era simples: o meu avô era o director da Parceria dos Vapores Lisboenses, concessionária até à nacionalização em 1974 dos transportes fluviais no Vale do Tejo. À noite apanhavam o último vapor das 10,30 e em Cacilhas, na estalagem, esperava-os o moço de estrebaria com a charrette já aparelhada. A ida até à Quinta Grande demora horas no meio dos campos completamente desertos. Quem hoje diria no meio daquela floresta de cimento? Em noites de Lua Nova era de fazer medo, sempre à espera de um salteador de estrada. Mas recebiam imensas visitas: uma em especial era o tio João Gaivão por quem tinham uma enorme amizade. O tio João tinha sido Governador de Lourenço Marques quando o seu cunhado e também nosso parente, tio Joaquim Mouzinho de Albuquerque, foi Comissário Régio em Moçambique. Esteve muito ligado ao Governo de João Franco, assim como o seu irmão tio Pedro Gaivão, que foi chefe de gabinete da Presidência do Conselho de Ministros. Com o regicídio e a queda do Governo de Ditadura de João Franco o tio João Gaivão foi posto de lado. Não era essa a opinião do prior da Arrentela. Que o achava ainda com grande influência no Governo e no Paço. O prior da Arrentela era um homem de educação muito rudimentar o que acontecia com a maior parte dos padres seculares que tinham frequentado unicamente os seminários diocesanos sem terminarem os estudos na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra. Mas tinha uma enorme ambição: ser prior da Estrela. Falava-se que o então prior, Cónego Domingos Nogueira (foi prior da Estrela até à sua morte em 1048 e manteve-se sempre ultramonárquico; quando se referia à Igreja da Estrela dizia sempre “esta Real Basílica” e à porta da Igreja existia um painel onde se lia: os altares desta Real Basílica são privilegiados “in perpetuum”). Tudo isto, assim como o excesso de imagens de muito mau gosto foi eliminado pelo prior seguinte, o cónego António Campos, mais tarde primeiro Bispo de Santarém), ia ser transferido por estar muito ligado ao anterior Governo de ditadura de João Franco pois entre outras actividades, agora mal vistas, tinha fundado um Centro Franquistas Domingos Nogueira! Esquecia-se o

pobre prior de Arrentela que os priores da Estrela eram “colados”, isto é só por razões muito fortes podiam ser destituídos. Ser Prior da Estrela era um lugar perpétuo e muito cobiçado não só pela importância política do cargo como também pelos rendimentos a que tinha direito. Mas há pessoas que não têm consciência das suas limitações e o pobre prior de Arrentela era uma delas. Quando o tio João chegava era sabido que o prior se impingia para jantar e massacrar o tio João. Uma noite com várias pessoas na sala o tio João, já farto dos pedidos insistentes, resolver dedicar-lhe um poema:

Neste local isolado

Exposto à chuva e ao vento

Jaz o nosso padre prior

Que é um poço de talento

Oh Senhor Gaivão, tanto também não! Pobre prior não percebia que o estavam a desfrutar! E continuou prior de Arrentela, julgo que até morrer.

A vida social da zona do Seixal, embora não fosse intensa, existia e era simpática. Imensas famílias tinham ali quintas e muitas delas viviam lá todo o ano. Na quinta do Álamo passavam férias e fins de semana o tio Fritz, casado com a tia Maria Perestrello, e toda a sua família. Era uma esplêndida casa antiga, mas como todas as casas antigas tinha coisas disparatadas: por exemplo a porta da casa de banho dava directamente para a casa de jantar. Tinha um criado, o Violeta, amarecado, como a maioria desses criados, e que morreu nos anos 50 ainda ligado à família. Quando as tias, que se levantaram tarde, saíam do banho envolvidas num lençol e o Violeta estava a pôr a mesa diziam-lhe: oh Violeta não olhes! Isto para o tempo era uma grande inconveniência e a minha mãe chocava-se muito. Ao almoço se a conversa descaía para temas mais avançados o Violeta alertava na sua voz amarecada: “attention au domestique”, assim em francês como ainda se dizia no meu tempo. Depois do almoço iam fazer a sesta no quarto do tio Fritz on havia uma enorme cama. Deitavam-se na cama o tio Fritz, a tia Maria e as duas filhas mais velhas tia Maria Isabel e tia Teresa. O tio Pepe Castelo Novo (marido da tia Maria Isabel) deitava-se aos pés. A minha mãe era convidada a deitar-se o que recusava dizendo que estava de esperanças e se enjoava. Mais tarde comentava: estás a ver não me apetecia nada deitar-me ao lado do Pepe! Era uma família curiosa a do tio Fritz. Este uma vez por semana ia almoçar a casa da sogra que vivia no Bairro Alto. Tomava o elevador da Glória às vezes com as filhas. Quando estas se atrasavam gritavam-lhe da porta do elevador: bom dia Sr. d'Orey, hoje está muito bonito, quando é que vem passear connosco? Pouca vergonha a meterem-se com um velho, dizia o tio Fritz. Onde é que este mundo e esta juventude vai parar!. Todo o elevador, homens e mulheres se indignavam com estas duas jovens desvergonhadas a meterem-se com um homem muito mais velho! Coisas deste género eram muito chocantes no princípio do século. Viviam também no Seixal, na quinta da Fidalga, as Salemas que embora simpáticas eram todas muito feias o que impressionava muito a minha mãe. Teve sempre o culto da beleza e embirrava sempre com gente feia mesmo que fossem netos ou sobrinhos. Também, entre muitos outros, viviam no Seixal os Reynolds. A quinta estava localizada numa ponta de areia um pouco distante do Seixal. O vapor de Lisboa uns minutos antes de dobrar essa ponta de areia apitava fortemente umas duas ou três vezes. Se havia gente da casa Reynolds que quisesse apanhar o vapor içavam uma bandeira e o barco lá atracava. Também ali tinha casa o Marquês do Funchal, cujo filho mais velho, Domingos, era amigo do tio Nuno. A casa da Quinta Grande era diariamente invadida por uma “nanny” inglesa que gritava Domingos, onde está Domingas! Que lhe fugia constantemente para os pinhais da Quinta Grande com o tio Nuno. O Domingos Funchal foi mais tarde oficial de cavalaria e deixava os seus cavalos na Quinta da Regaleira quando se realizavam concursos hípicas no campo de Seteais, antes da sua transformação em Hotel. Foi a primeira pessoa que eu ouvi a tratar por tu o meu pai, isto em 1950! Quase na mesma altura apareceu na Regaleira o Zé Tarouca que também tratou por tu o meu pai. Nunca ouvi alguém tratá-lo por tu. Só pessoas que se conheciam muito intimamente desde a infância se tratavam por tu nesses tempos.

Entretanto a minha mãe ficou à espera do primeiro filho. Em Arrentela-Seixal existiam duas parteiras. Para sãs mulheres locais, de uma delas ninguém gostava; tinha a mania das limpezas e lavagens! Pois é essa precisamente que eu quero! Viu-a e gostou e nem pensar em ir ao médico; só viu um médico parteiro uma única vez na célebre quinta da Palmeira (a célebre casa do século XVII da Quinta da Palmeira desapareceu nos anos 50 na voragem da Siderurgia Nacional que englobou nas suas instalações várias quintas e casa históricas nas vizinhanças do Seixal) propriedade da prima Benedita Andrada, sua vizinha na zona do Seixal. Era o Dr. Simões Raposo lente da Escola Médica e amigo da família. Limitou-se a observa-la muito superficialmente e dizer que estava tudo bem. Médicos para a minha mãe eram profissões absolutamente dispensáveis e manteve essa opinião até à sua morte com 91 anos. Na sua juventude só fazia uma excepção para o célebre oftalmologista Dr. Gama Pinto cujo nome foi dado a um hospital de Lisboa. Não que fosse míope ou estrábica mas tinha certa falta de visão e o excesso de luz, fazia-lhe grande confusão. Gama Pinto era um goês que se formou na Alemanha e estabeleceu-se em Portugal queriam obriga-lo a submeter-se a exames de equivalência. Resistiu a essa provocação durante anos e triunfou, sendo finalmente convidado para reger a cadeira da sua especialidade na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Era de facto um grande médico e aparentemente resolveu os problemas visuais da minha mãe. Havia no princípio do século um outro oftalmologista em Lisboa: o Dr. Barceló, de origem galega, pouco limpo e um explorador. O povinho de Lisboa dizia:

*Gama Pinto observou
Cem paciente num dia
Se fosse o Barceló
Que fortuna faria!*

Entrava-se em 1910 e a demagogia da propaganda republicana firmava-se nas regiões do Seixal-Barreiro onde brotava já uma industrialização incipiente. Tinham uma criada, a Ludovina, originária da região de Coimbra, bastante mais velha que a minha mãe. Era inteligente e extraordinariamente eficiente. Com os tempos e o nascimento do primeiro filho a amizade e a consideração mútuas aumentaram. Mas a demagogia atingia também a Ludovina que cantava dando trinados esganiçados nos últimos veros:

*Terreiro do Paço
Do Paço maroto
P'ra uns andarem de casaca
Anda o povo todo roto.*

Entretanto chegou a manhã da gloriosa “Aurora da Liberdade”!: 5 de Outubro de 1910. O meu pai tinha passado a noite em Lisboa e as comunicações, incluindo os transportes fluviais, estavam cortadas. A minha mãe foi até ao cais do Seixal tentar arranjar transporte para Lisboa. Encontrou o mestre de um dos vapores: a menina não se meta nisso é muito perigoso, há muitos tiros em Lisboa. Teimosa como ela ninguém lhe resistia: vá a casa compor-se e eu tento arranjar-lhe barco. Compor-se significava disfarçar-se, a diferença de classes na forma de vestir era então como o foi de certa maneira até ao fim da década de 60 bastante grande. Arranjou um xaile preto de lã, da Ludovina, pegou no Ruy, bebé de 10 meses, uma trouxa ou um cesto com absolutamente necessário e volta de novo ao cais do Seixal. O mestre arranjou-lhe lugar numa fragata à vela. Na fragata viajavam muitos revolucionários armados: muitos deles olhavam insistentemente para as mãos da minha mãe. Nenhuma mulher do povo tinha as mãos com aquele aspecto! Mas foram correctos!. De qualquer maneira isto lembra o que aconteceu na Revolução de Outubro, sete anos mais tarde na Rússia. Estava tudo minado! Como podiam existir armas de guerra nas mãos de operários da Margem sul! Levou mais de duas horas a viagem à vela. No Cais do Sodré não havia transportes públicos nem carruagens de aluguer. Foi a pé até a casa do avô Ruy que vivia na Rua do Sacramento à Lapa, onde é hoje o ISLA. Passou pelo aterro, subiu a avenida das Cortes (hoje Avenida D. Carlos I, na minha infância a avenida Presidente Wilson) e quando chegou ao Quelhas viu um enorme aglomerado de varinas que invadiam o seu antigo Colégio das Doroteias, onde é hoje a Radiodifusão Portuguesa e o Instituto

Superior de Economia. Era o assalto, o saque, roubaram tudo! As alunas deviam entrar a 6 de Outubro, todas tinham já depositado o seu enxoval e as dispensas estavam atulhadas. Pobres freiras que educavam gratuitamente as filhas das varinas, além de lhes darem três refeições por dia. Também perdeu tudo o que lá tinha depositado a irmã mais novas da minha mãe, a tia Mané. Chegou tarde a casa do meu avô onde o meu pai, aflitíssimo, nem queria acreditar no que via: a sua mulher de xaile e lenço com uma criança ao colo.

Quando as coisas se normalizaram, voltaram à Quinta Grande. A atitude dos trabalhadores era diferente, estavam agressivos, quando eram corteses. Em Lisboa as pessoas do povo eram mal criadas quando viam uma camisa lavada. Nas lojas nem se fala; os caixeiros eram francamente desagradáveis. A demagogia, a ordinarice, a má criação eram então reis. Tal como aconteceu em 1974, depois da revolução, confundia-se liberdade com má-criação. Era esta a opinião da mãe. O tio João Gaivão demitiu-se do exército partindo a espada na presença do Ministro da Guerra. Arranjou um emprego medíocre no Ultramar, na Companhia de Moçambique, um homem que tinha sido Governador de Lourenço Marques. Houve gente digna, pouca mas houve! Os oportunistas, os chamados “adesivos” foram a maioria a começar pelo Almirante Ferreira do Amaral (avô dum político do actual PP-D/PSD) que de chefe do primeiro governo nomeado pelo Senhor D. Manuel II passou a senador da República em 1911! Fez parte desse governo de Ferreira do Amaral como Ministro das Obras Públicas o meu bisavô materno, João de Sousa Calvet de Magalhães, que à data do 5 de Outubro era Director Geral das Alfândegas e que se demitiu das suas funções dizendo que tendo jurado fidelidade ao Rei não podia agora mudar de opinião aderindo à República. Em Junho seguinte nasceu a minha irmã mais velha, a Bijou, e tinha então sido estabelecido o Registo obrigatório, com a oposição de todos os monárquicos. O meu pai esperou três dias em que não fez a barba. Propositadamente mal vestido levou consigo dois mal vestidos, mais primitivos e analfabetos. O Conservador, que tinha um nome pomposo, ficou indignado: o senhor podia ter escolhido testemunhas mais decentes para este acto solene! Então não somos todos iguais, senhor Conservador? Não vivemos agora em plena liberdade, igualdade e fraternidade? (Esta atitude contra as leis da República em especial o casamento e registo civil de nascimento manteve-se durante muitos anos. Em 1937 o meu cunhado Jorge Arnos que era um gentleman e sempre impecavelmente bem vestido compareceu ao acto de casamento civil realizado na casa da Rua de S. Caetano, na véspera do casamento religioso, propositadamente mal vestido e de barba por fazer. Só em 1940 depois da assinatura da Concordata foi abolido o casamento civil para os católicos).

Com a família a crescer, os rendimentos da Quinta Grande não davam para viver. É vendida em 1912 com grande desgosto da minha mãe: os enormes quartos e salas; os corredores larguíssimos com azulejos: a vida campestre que ela tanto gostava; os cavalos, as vacas, as vinhas e os campos cultivados; os moinhos de maré que moíam o trigo; o pão, o leite e a manteiga fresca todas as manhãs. Tudo isto, a beleza da vida no campo desapareciam da sua vida.

Vieram viver para Lisboa, primeiro num andar na Calçada da Estrela por cima de uma loja de candeeiros que era propriedade do pai do futuro grande industrial Alfredo da Silva e pouco depois numa casa na Rua de Buenos Ayres. O meu pai arranjou emprego na Casa Orey & Antunes, ficando ligado à área da navegação. Nas suas actividades conheceu a célebre espia e bailarina holandesa Mata Hari (mais tarde fuzilada pelos aliados por espionagem durante a Iª Guerra Mundial) que viajava num navio holandês representado em Lisboa por Orey & Antunes. Tinham-lhe desaparecido as malas! Ela mal falava francês e julgo que nenhum inglês de modo que o meu pai com o seu fluente

alemão era o único elo possível de comunicação. Veio a Guerra de 14-18 e com a entrada de Portugal no conflito o meu avô e alguns tios, que de facto tinham nascido com nacionalidade prussiana, embora se considerassem portugueses, foram expulsos de Portugal. Dos irmãos do meu avô só foram excluídos o tio Frederico (Fritz) que era engenheiro de minas e pertencia ao Conselho Superior de Minas e o tio Luiz (Pi) que era engenheiro de máquinas e funcionário superior da C.P. (curioso, quando o Rei viajava de comboio, na máquina a vapor devia estar sempre presente um engenheiro superior da C.P. O Senhor D. Carlos insistia em ser ele a conduzir a locomotiva e no dia do fatídico assassinato de Sua Magestade, 1 de Fevereiro de 1908, el-rei teve como companheiro na locomotiva precisamente o tio Luiz, que nessa circunstância ia vestido de fraque e chapéu alto. Este foi a última pessoa com quem D. Carlos conversou longamente no trajeto de Vila Viçosa ao Barreiro.). Expulsos de Portugal refugiaram-se na Galiza, os bens do avô e tios foram colocados sob administração de uma comissão nomeada pelo governo. Para voltarem a Portugal e para que lhe restituíssem os bens, não lhes chegou demonstrar que sempre se tinham considerado portugueses pois tiveram de subornar vários membros do Governo em especial o Ministro do Interior Dantas Barracho. E foram muitos milhões! Com o fim da Guerra o meu avô perdeu uma fortuna: tudo quanto tinha na Rússia; no antigo Império austríaco (Checoslováquia e Hungria) os rendimentos não podiam ser exportados, em Itália quase a mesma coisa. Mas em breve refez a sua fortuna!

Depois da Guerra, já com seis filhos (uma filha tinha morrido com um mês), o meu pai comprou a enorme casa da Rua de S. Caetano, à Lapa, onde nasceram oito dos restantes onze filhos. Esta casa foi demolida em 1955, tendo sido construída uma outra num sítio diferente. Pertence hoje ao Partido Social Democrata, que a comprou por uma pechincha em Fevereiro de 1986.

Em 19 de Outubro de 1921 o meu pai entra lívido em casa e diz para a minha mãe: temos que nos ir embora imediatamente. Foi o dia do camião da morte em que levados para o Arsenal da Marinha pelos marinheiros Ai-Ó-Linda e Dente de Oito o Presidente do Conselho de Ministros e vários políticos importantes e ali foram assassinados. Era a revolução na rua, a repetição do que quatro anos antes tinha sucedido em Petrogrado, na Rússia. Decidiu emigrar para o Brasil! Não gostou! A corrupção era imensa. Apesar do seu anti-republicanismo ficou em Portugal. Tanto o meu pai como a minha mãe tinham um ódio profundo à República, em especial a minha mãe, que concentrava em Afonso Costa e no que ele representava de demagogia, anti-catolicismo e espírito maçónico toda a sua repulsa pelo republicanismo. Este

ufanava-se dizendo que em duas gerações destruiria a religião em Portugal. Sobre Afonso Costa gostava a minha mãe de lembrar os versos que corriam por volta de 1920:

*Um Costa matou el-rei
Outro Costa o Presidente
Ficou cá outro Costa
Pr'a chatear toda a gente!*

De facto o apelido do assassino do Senhor D. Carlos era Costa, assim como era Costa o homem que matou o Presidente Sidónio Pais!

Decidiu então o meu pai trabalhar sozinho como empreiteiro de obras públicas. Naquele tempo, em especial depois do 5 de Outubro, não se faziam grande obras em Portugal. Quando havia alguma obra importante era adjudicada a uma empresa estrangeira, geralmente francesa. Os empreiteiros eram na generalidade semi-analfabetos, os chamados “empreiteiros de barrete”. Nos cursos de agronomia na Alemanha os alunos tinham uma boa formação em hidráulica e construção civil. Além disso o meu pai tinha a apoio-lo o capital do meu avô e do seu padrinho o tio Waldemar.



Largo da Avó

Tinha conhecimentos na Banca, nomeadamente no Banco Comercial de Lisboa (mais tarde fundido com o Banco Espírito Santo dando origem ao Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa) dirigido por Carlos Pereira, um grande amigo do meu pai, e no Banco Nacional Ultramarino onde o tio Waldemar era um dos maiores accionistas. Quer dizer era um senhor e não um “empreiteiro de barrete”. Começou a construir estradas e pontes já nos últimos governos da 1ª República. Com a chegada da Revolução de 28 de Maio de 1926 e especialmente com o Douro Salazar na chefia do Governo foi o apogeu da sua carreira como empreiteiro de sucesso: pontes, estradas, portos, caminhos de ferro, aeroportos. (Nota de Bruno d’Orey Slewinski: **Como exemplo de empreitadas registo os contractos de adjudicação da Câmara Municipal de Lisboa com Waldemar d’Orey para empreitadas de pavimentação, entre 1934 e 1935, de várias artérias do Bairro Camões, da Avenida Óscar Monteiro Torres, Avenida Sacadura Cabral, Rua de Entre-Campos, Avenida Alferes Malheiro, Rua Augusto Gil, Largo Dr. Afonso Pena, Rua David de Sousaentre outras, na cidade de Lisboa.**) O abastecimento de água às cidades era péssimo e resolve associar-se a uma empresa italiana. Funda a Sonaca que constrói tubos de cimento armado de grande diâmetro. Os tubos tinham o problema de não vedarem bem as juntas. O meu irmão mais velho, o Ruy, que desistiu do curso de engenharia civil no 3º ano, inventa um método de vedar as juntas. Inventa maquinaria para fabricar melhor os tubos e para isso envia desenhos de peças a diferentes fabricantes para não lhe descobrirem o segredo. É chamado P.V.D.E. (Policia de Vigilancia e Defesa do Estado, criada pelo Salazar para a segurança interna e externa do Estado): julgavam que estava a construir uma metralhadora! Com o aumento e diversificação das suas actividades o meu pai chama dois engenheiros que mais tarde se tornaram grandes empresários: Moniz da Maia e Vaz Guedes. Ganha todos os concursos para abastecimento de águas, em Lisboa com o célebre “canal do Tejo” e mais tarde a conduta de Valada do Ribatejo, no Porto e em todas as grandes cidades. Mas continua a fazer outras grandes obras: o caminho de ferro de Rio Maior, o aeroporto de Ota e a estrada marginal de Lisboa a Cascais. Muitos outros filhos colaboraram com o meu pai nomeadamente o Waldemar (pouco tempo apesar de ser engenheiro civil), o Rodrigo (este durante muitos anos), o Zé e o Miguel. Já há muitos anos que “namorava” a quinta da Alegria perto de Vila Nova da Rainha, no Ribatejo. Esta formava com a Quinta do Queimado uma propriedade única: a Sociedade Agro-Pecuária, uma das melhores terras da lezíria. Compra-a! Era um homem de sucesso: conseguia tudo o que queria! Faz obras extraordinárias de

terraplanagem e irrigação. Utiliza os seus tubos para o transporte das águas que bombeia dos rios Ota e Alenquer, que atravessam a propriedade, ou do Rio Tejo que lhe serve de fronteira. Nunca em Portugal se tinha feito obra semelhante! Compra tractores, coisa então pouco comum em Portugal, e mais raras ainda enfardadeiras e ceifeiras debulhadoras. Aqui e durante mais de quarenta anos teve a colaboração dedicadíssima do seu 10º filho, o meu irmão António. Vem a 2ª Guerra Mundial e há uma certa paralisação nas actividades económicas do país e para cúmulo o ano de 1945 com a maior seca que o país conheceu. Investiu imenso e em 1945 o trigo e o arroz destruídos! Com o fim da II Guerra Mundial recompõe, logo em 1946, as suas finanças. Voltam de novo as obras públicas e ele ganha quase tudo a que concorre. Em 23 de Janeiro de 1947 morre o seu pai que deixa aos filhos uma apreciável herança apesar das duas guerras mundiais e da crise de 1929. Waldemar d’ Orey era um homem rico, com 16 filhos vivos, um homem de sucesso que cobiçava a Quinta da Regaleira como cobiçou uma dezenas de anos atrás a Quinta da Alegria no Ribatejo. A 29 de Março de 1949 torna-se proprietário da Quinta da Regaleira.

ECOS

por Maria Teresa d'Orey S. P. Sacaduta Botte (Tim-Tim)(laranja)

Dos muitos ecos que nos chegaram da Gazeta nº13 queremos destacar alguns: Carmo d'Orey (filha do Eduardo - 9º filho de Waldemar), Gabriela Gouveia e Mello (filha do Gil do ramo castanho), Frederico Marchand (ramo rosa), Patrícia d' Orey (filha de Eduardo - 9º filho de Waldemar), Bebé Arnoso (filha da Carmelita (3ª filha de Waldemar), Mariana Cravo (ramo amarelo e verde), Ulrika d' Orey da Câmara (13ª filha de Waldemar), Joca d' Orey Santiago (filho de Gaibéu - 15ª filha de Waldemar), Duarte d' Orey da Cunha (ramo encarnado), Francisco d' Orey (14º filho de Waldemar) e João Maria Azevedo Coutinho (ramo castanho). Como devem calcular estes estímulos são muito importantes para quem está do lado de cá. Queremos realçar dum modo especial a informação que recebemos do Filipe d'Orey Vieira da Rocha que nos relata uma forma amorosa a sua paixão pelo mar como ela começou até à concretização do grande sonho da grande travessia Capetown-Rio de Janeiro. A partir daí foi um "non stop" de viagens regatas e travessias.



O mar também tem sido o grande inspirador da poesia do Filipe e do seu livro "aMar o Mar e outros poemas de amar" escolhemos as palavras que ele escreveu ao seu filho Pedro.

"Meu filho,
Filho fora e presente.
Azul nos olhos
D'ouro cabelo Corpo divino mente ausente. Teus olhos em meus postos para além deles passando, trespassando-os, trespassando-me,
Buscando quiçá em meu cérebro
Resposta q perguntas tuas,
Ou quiçá para além de mim
Buscando extraterrestre luz. Nos teus, olhos meus,
Nos meus, olhos teus
E Deus,
Deus presente, Deus ausente?
De Deus o desígnio de dar do destino
O assassino?"

AUTO DE EL-REI DE SELEUCO (Luis de Camões)

por Tim-Tim (Maria Teresa Sacadura Botte) (laranja)

Aproveitando a onda Waldemar e Maria Helena ocorreu-me contar uma coisa há muito arrumada no sótão da minha memória. O Teatro Universitário de Lisboa levou à cena no Avenida (que já não existe porque ardeu) o Auto de El-Rei de Seleuco em que o papel de príncipe era desempenhado pelo Pedro (16º filho de W. H.). O encenador foi o Dr. Fernando Amado e o aio Leocádio era o Carlos Avillez. Algum tempo mais tarde fez-se uma única representação na Quinta da Regaleira, na patinagem. A Mariazinha (18ª filha) e eu fizemos um enorme cartaz num lençol a anunciar o teatro e pusemo-lo no portão de cima da Quinta. Quando o tio Waldemar lá chegou ficou muito chateado e mandou retirar imediatamente "a publicidade". Ficamos um bocado tristes mas à noite a representação foi uma loucura de bonita naquele cenário fantástico daquele espaço, com aquele lindo príncipe e com imensa gente que teve a sorte de poder assistir. Estou certa de que Camões nunca foi tão valorizado como daquela vez. Penso que corria o ano de 1855.

VENDA DA QUINTA DA REGALEIRA das Memórias da Q.R. de Fernando L. Cardoso d'Orey

Em finais de 1947, o meu pai, Waldemar d' Orey, que lia o Diário de Notícias de ponta a ponta, viu um anúncio na "secção de pequenos anúncios" que lhe despertou a atenção. Mostrou ao meu irmão Eduardo que viu imediatamente tratar-se da Quinta da Regaleira. A Quinta da Regaleira à venda ! Há dezenas de anos que meu pai a namorava ! Nessa altura passávamos o verão em Sintra numa casa alugada a Pedro Fiúza, a "Villa Alegre", no arrabalde de Santa Maria. Era raro o domingo que ele não passasse até Seteais detendo-se frente aos portões da Regaleira ou a admirasse sentado num dos bancos do passeio do Relógio: a Regaleira era o seu fiel namoro de verão ! Pediu então ao Eduardo que respondesse ao anúncio. Uns dias depois aparece no seu escritório na rua Nota da Trindade um senhor com aspecto muito modesto que identificou como o relojoeiro de Pedro Carvalho Monteiro. Este herdou de seu pai uma fabulosa colecção de relógios entre os quais um que era ultra complicado executado em Besançon e Paris de 1897 a 1901 e que está hoje exposto no Museu de Besançon, infelizmente sem qualquer referência ao seu primeiro proprietário. Foi vendido por uma bagatela a um judeu suíço que o vendeu depois por uma fortuna ao museu de Besançon em França. O relojoeiro disse ao Eduardo que não sabia de nada ! O Dr. Pedro Carvalho Monteiro mandou-me aqui por causa de um tal anúncio mas não me disse mais nada. O Eduardo fez-lhe umas perguntas muito gerais, daquelas que é natural fazer quando se responde a um anúncio, mas o homem não adiantou qualquer informação ! Tratava-se possivelmente de uma sondagem e depois disso não houve mais contactos. Passaram-se uns seis meses e um novo anúncio na secção dos "pequenos anúncios" do Diário de Notícias . Desta vez o Eduardo respondeu mas agora em nome do Pai e não pessoalmente. Combinou-se um encontro do meu pai com o emissário de Pedro Carvalho Monteiro de novo no escritório do Eduardo na rua Nova da Trindade. Apareceu o chauffeur de P. C. Monteiro que não adiantou muito. De novo o assunto morreu e não houve mais contactos ! Passados largos meses, já no início de 1949, o meu pai recebe um telefonema de P. C. Monteiro que lhe diz: o senhor é a única pessoa em Portugal que aprecia e pode comprar a Regaleira e por isso gostaria de falar consigo. Combinaram um encontro em sua casa na Estrada de Benfica. Quanto chegaram à questão do preço o meu pai disse-lhe que só podia dar pela Regaleira dois mil contos. Ah, mas isso é muito pouco. O senhor sabe o valor da Regaleira ? Sabe quanto custaria hoje a Regaleira ? Sei tudo isso, mas sei também que vou gastar dez vezes mais para pôr a Quinta de pé: a casa está inabitável, tem de ser modernizada e os jardins estão totalmente abandonados ! Pedro Monteiro aceitou os argumentos e ficou assente que lhe venderia a casa por dois mil contos. Para o Eduardo a Quinta foi mesmo vendido por dois mil contos. Para os outros foram entregues dois mil e quinhentos contos e para outros ainda dois mil e seiscentos contos. Oficialmente foi vendida por dois mil contos !. Foi uma compra barata ? Sem dúvida, embora dois mil contos no início de 1949 fosse muito dinheiro. Basta lembrar que dez anos antes (e a inflação nessa altura era mínima) este para comprar a "Casa dos Plácidos" em Cascais (onde hoje está o Hotel Albatroz) por trezentos e cinquenta contos. Há ainda outros pormenores importantes: Pedro Carvalho Monteiro estava mal financeiramente; a guerra tinha acabado há pouco mais de três anos; a Alemanha, a França, a Inglaterra e outros países estavam completamente destruídos; nos Estados Unidos ninguém pensaria em gastar dinheiro numa casa na Europa sabendo-se que sobre este continente pairava a ameaça de subversão e invasão pela União Soviética! Pedro Carvalho Monteiro tentou vendê-la a Ricardo Espírito Santo e a Alfredo da Silva sem sucesso! De facto, Waldemar d' Orey era a

única pessoa! Naturalmente o filho e os netos de P.C. Monteiro ficaram furiosos. Eu também ficaria! Uma das netas não falou à minha irmã Xinxá durante uma viagem da “Caritas” a Génova para recolher no vapor Mouzinho crianças austríacas que vinham passar uma temporada em Portugal. O neto proibiu a sua namorada Belicha Castro, grande amiga da minha irmã Ricka, de lhe falar ou sequer ir à Regaleira. Falou-se também numa hipotética interdição de Pedro Carvalho Monteiro. O advogado José Sarmento Matos, nosso vizinho na Villa Roma, foi abordado pelo filho de P.Carvalho Monteiro pra tratar de um processo contra o meu pai. Que bases teria esse processo? Nenhumas! Pedro Carvalho Monteiro, embora muito mais velho que o meu pai, estava no seu perfeito juízo, estava absolutamente consciente do que estava a fazer. Houve ainda coisas ridículas: o meu amigo Zeca Tarouca (então com uns 15 ou 16 anos) foi abordado pelas netas de Carvalho Monteiro, que tal como ele passavam férias na Praia das Maças, no sentido de influenciar o meu pai a dar mais qualquer coisa pela Quinta! Isto passava-se seis meses depois da compra. Pedro Carvalho Monteiro estava arruinado. Vendia tudo: relógios raros na Suíça, pratas e móveis nos antiquários de Lisboa, a famosa biblioteca vendida à casa Maggs Bros. de Londres e posteriormente adquirida em leilão pela Library of Congress de Washintgon. Como poderia ele remir as hipotecas que tinha sobre várias propriedades? Critica-se muito Pedro Carvalho Monteiro por ter esbanjado uma fortuna! Possivelmente nem herdou uma fortuna. A primeira guerra mundial levou à ruína muita gente. O “crash” da Bolsa de Nova York em 1929 completou essa ruína. Isto aconteceu com muita gente em Portugal e há também alguns casos semelhantes na minha família em especial com os que tinham negócios no Brasil. Diz-se que o meu avô, com as convulsões da primeira metade do século vinte, perdeu três fortunas e três vezes as refez.! Pedro Carvalho Monteiro só pecou por não ter herdado do pai e avô o jeito para os negócios. Oficialmente a propriedade foi vendida por 1200 contos e a mobília por 800 contos. Claro está que a mobília não valia de todo isto. Foram aproveitados unicamente alguns armários, camas, mesas e cadeiras. Na subsequente decoração dos interiores só o quarto de hóspedes, a sala dos pequenos almoços e parte da sala do bilhar passaram a estar decorados com mobília vendidas por Pedro Carvalho Monteiro! Espalhadas pelos quartos de cama três ou quatro camas, umas cadeiras, uma secretária renascentista e no tecto do hall do 2ª andar três candelabros de madeira. Foi tudo quanto se aproveitou da mobília vendida por Pedro Carvalho Monteiro.

A 29 de Março de 1949, Waldemar d' Orey tornou-se proprietário da Quinta da Regaleira que iria ficar na sua família até 13 de Janeiro de 1988, quase quarenta anos!



Pérgola no largo frente à Casa do Miguel

CASAMENTO

Martinho Villani (verde) e Ana Mafalda Martins

“Meus caros Amigos, Conforme documento anexo “NADA OBSTA” pelo que se Deus quiser caso-me no dia 21/12/2007 às 19,30 hs na Igreja de S. João da Praça, sita na Rua S. João da Praça, 66/82 Freguesia: Sé.”



Foi desta maneira original e bem ao jeito dele que o Martinho Luís d’Orey Gaivão Villani participou o seu casamento com Ana Mafalda Martins. Ainda juntando algumas considerações sobre a tradição daquela Igreja que os noivos escolheram para o seu casamento. Conta quem lá esteve que foi uma cerimónia muito bonita acompanhada dum lindo coro e que a Igreja estava decorada com flores lindíssimas. À saída, aos amigos que quiseram estar presentes ao acto religioso foi servido um “gluhwein” e mais alguma coisa.

CASAMENTO

Tiago d’Orey Slewinski (verde) e Samantha Claire Bennett

O Tiago d’Orey Slewinski (verde) casou-se (civilmente) com a Samantha Claire Bennett, em Londres, no passado dia 6 de Dezembro, tendo os respectivos pais (portugueses e sul-africanos) acompanhado o acto pela Internet. A fotografia que temos deles é na véspera de Natal em Portugal. Estão muito felizes, graças a Deus e por enquanto vivem em Londres.



UMA CURIOSIDADE!

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)

Augusto Carvalho Monteiro e Waldemar d'Orey passaram a habitar na Quinta da Regaleira quando ambos tinham 61/62 anos! Estes dois senhores foram donos desta mesma Quinta durante 25/26 anos! Carvalho Monteiro (1850-1920) Waldemar d'Orey (1887-1974) Compra da Regaleira por Carvalho Monteiro em 1894 mas a casa ficou pronta a habitar em 1912. Compra da Regaleira por Waldemar d'Orey em 1949 e no ano seguinte, após as grandes obras, a casa estava pronta a habitar.



Pom e Tisha descendo a Avenida das Tílias



Palmeira da Nova Zelândia plantada pelos filhos de Waldemar d'Orey, após o corte das Aroucárias da Patinagem.



Aspecto da Quinta da Regaleira

CUECAS OREY

Made in China

Compradas numa loja de chineses por 1€! Para além dos dois figurantes no tecido com ar bastante “dengoso”, tem as palavras “love me today...” e “love me tomorrow...”, muitas vezes repetidas por toda a superfície da CUECA! Disponível em todos os tamanhos M, L, XL, XXL e com quatro tamanhos de cintura.

Não conseguimos arranjar um modelo Orey para as vestir e serem apresentadas na nossa Gazeta d'Orey com o “recheio”. Não conseguimos descobrir a loja onde pudéssemos comprar tamanha preciosidade. É que a Gazeta d'Orey poderia recheiar o “saco azul” vendendo-as a 2€! Não era negócio? E divertido? É que já ouvimos dizer que os d'Orey são muito criativos e queremos fazer jus à fama!

